
O VIR A SER E O TRÁGICO PÓS-MODERNO

THE BECOMING AND TRAGIC POST-MODERN

EL LLEGAR A SER Y EL POSMODERNO TRÁGICO

Ordenar, codificar, fixar, apoderar-se são ideias contestadas hoje. A sociologia fenomenológica, ao contrário de uma dimensão estática do poder, sustentada pelo projeto da modernidade, é ver o que está aí. Repensando, assim, os grandes temas explicativos (Estado, nação, instituição, sistema ideológico), pode-se constatar, no que concerne a pós-modernidade, que tem prevalecido o retorno do local, a importância da tribo e da bricolagem mitológica. Curiosamente a este respeito, observa-se o ressurgimento nos vários discursos sociais de palavras como “country”, “território”, “espaço”, que evidencia (no caso do ressurgimento) o retorno a um sentimento de partilha. Em suma, o local é um link. Um link que não se formou a partir de um ideal distante, mas, pelo contrário, baseia-se, de forma orgânica, na posse comum de valores enraizados: língua, costumes, culinária, posturas corporais. Combina um paradoxo, que não é evidente: o material e o espiritual de um povo. É oportuno refletir sobre isto: um materialismo espiritual, vivendo localmente. Dinâmica de enraizamento são causa e efeito da fragmentação institucional. Essa fragmentação dá espaço à formação de um espírito neotribal. São afinidades eletivas que encontramos dentro dos partidos, das universidades, dos sindicatos e de outras organizações formais, operando de acordo com as regras de solidariedade de uma maçonaria generalizada. E, claro, para melhor ou para pior. Esse é o trágico pós-moderno. E quem pensou no trágico, filosoficamente falando? Foi Nietzsche (1844-1900). A trans-valoração de si remete à superação da lógica binária com que um filósofo chamado Parmênides justificava o sentido do ser. O curioso, para Nietzsche, referindo-se à filosofia na Grécia Antiga, foi o fato de que os gregos, como Anaximandro, Heráclito e Sócrates, deram início ao filosofar – e no momento certo, melhor do que qualquer outro povo – na felicidade! A ciência é herdeira de Parmênides, porque ele acreditava no pensamento mediante conceitos. A identidade real é aquela de um ser pensante. Só o existente possui um sentido. O não-existente – como a fantasia e o inominável - nada é, para Parmênides. Mas, felizmente, nem todos os filósofos pré-socráticos pensavam dessa forma. Heráclito, por sua vez, refletia em termos de polaridade, que é, como diz Nietzsche, em “A filosofia na era trágica dos

gregos” (São Paulo: Hedra, 2008), o desmembramento de uma força em duas atividades opostas. Este é o sentido da transvaloração de que trata este dossiê, o de, igualmente, um sentimento trágico da existência (sem resolução ou acabamento). É o mesmo que um dualismo concêntrico, nos termos do antropólogo francês Gilbert Durand. É o mesmo que admitir duas forças, mesmo que antagônicas, mas, paradoxalmente, dependentes uma da outra. É o mesmo que, conforme Heráclito e Nietzsche, viver a vida como uma obra de arte. Sem fórmulas conceituais, sem opressão funcionalista, sem esclarecer tudo, sem dominar tudo, porque todos esses fatores ignoram, no fundo, aquilo de que mais necessitamos: a busca mística da experiência no risco e na precariedade de um eterno vir a ser.

Michel Maffesoli
Eduardo Portanova Barros
Organizadores